

HERANÇA EUROPEIA

NO NORDESTE

60,6%



NO SUL

77,7%



NÚMEROS GERAIS

Os pardos do Norte do país têm, em média, **68,6%** de ancestralidade europeia

Os pardos do Sul têm **44,4%** de ancestralidade africana

Os negros de Santa Catarina apresentam... **29,3%** de ancestralidade europeia

Enquanto que os da Bahia têm... **53,9%**

A maior ancestralidade africana está... no Nordeste, **30%** em média

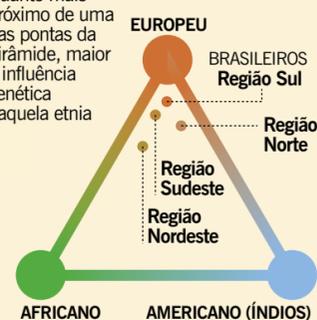
Seguido do Sudeste **18%**



A maior participação de ancestralidade indígena é registrada no Norte: **19%**

"BRASIPEUS"

Quanto mais próximo de uma das pontas da pirâmide, maior a influência genética daquela etnia



Um Brasil europeu

Genética revela que ancestralidade europeia é maior que africana e preponderante

Roberta Jansen

Os brasileiros são bem mais europeus do que africanos. Esqueça todas as análises já feitas com base em conceitos como raça e cor da pele. O primeiro grande estudo a medir a ancestralidade da população do país a partir de sua genética revela uma participação europeia muito maior do que se imaginava, preponderante em todo o território, inclusive nas regiões Norte e Nordeste. As conclusões estão na pesquisa coordenada pelo geneticista Sérgio Danilo Pena, da Universidade Federal de Minas Gerais, e publicada na revista científica "PLOS".

O trabalho revelou que, em todas as regiões, a ancestralidade europeia é dominante, com percentuais que variam de 60,6% no Nordeste a 77,7% no Sul. Mesmo as pessoas que se denominam negras pelos critérios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apresentam, na verdade, uma alta ancestralidade branca. Para se ter uma ideia, na Bahia, os negros tem 53,9% de raízes europeias. Na análise dos especialistas envolvidos no trabalho, a "europeização" do Brasil se deu a partir do fim do século XIX, com o fim do tráfico negreiro e da escravidão e o início do fluxo migratório de aproximadamente 6 milhões de trabalhadores europeus.

Para além do impacto histórico e antropológico que os resultados do novo estudo podem ter, Sérgio Pena ressalta ainda a sua importância do ponto de vista médico: os tratamentos podem ser mais homogêneos do que se imaginava.

As três raízes ancestrais do país

Formada por três diferentes raízes ancestrais, indígena, europeia e africana, a população brasileira sempre se acreditou muito heterogênea. Estudos da era pré-DNA, baseados na cor da pele ou no polêmico conceito de raça, tradicionalmente indicaram fortes diferenças regionais, com grande presença indígena no Norte, africana no Nordeste e europeia no Sul. A partir da análise do DNA de 934 brasileiros, o grupo de Sérgio Pena conseguiu rastrear os reais componentes de ancestralidade europeia, africana e ameríndia de cada um deles.

— De certa maneira foi uma surpresa —



CASAL MULTIÉTNICO: no Brasil, miscigenação é imensa. Cor da pele não é indicador seguro da origem de uma pessoa

afirmou. — Esperava encontrar níveis elevados de ancestralidade europeia no Sudeste e no Sul, mas não no Norte e no Nordeste.

A mistura das três raízes ancestrais, argumenta Pena, resultou numa paleta muito vasta de cores de pele para o povo brasileiro; na verdade, bem mais ampla do que o branco, preto, pardo e amarelo usados pelo IBGE.

Ainda assim, um dos aspectos mais curiosos do estudo é revelar que a cor da pele do indivíduo (como é percebida por ele ou por outros, não importa) nem sempre está diretamente relacionada à sua ancestralidade. Ou seja, um sujeito pode ser branco e ter um maior percentual de ancestralidade africana e vice-versa.

— Acho que o estudo tem muitos dados novos, que as pessoas nem suspeitavam sobre o povo brasileiro — afirmou Pena. — Os dados genômicos enriqueceram muito o conhecimento que temos da população. Sobretudo, mostramos que a ancestralidade não está necessariamente ligada à cor da pele.

Na verdade, o estudo conclui que, independentemente de eventuais classificações baseadas na cor da pele, os brasileiros são muito homogêneos do ponto de vista de sua ancestralidade.

— Existe muito menos diferença do que era esperado, a homogeneidade é muito maior do que se imaginava e nós conseguimos identificar o grande fator homogeneizante: o influxo de 6 milhões de europeus

Tentativa de 'embranquecimento'

O estudo mostra que, num primeiro momento, o Brasil contava com uma população de cerca de 2 milhões de indígenas e, logo após o descobrimento, começou a receber portugueses, em grande maioria homens. Entre 1500 e 1808 (data da vinda da corte), foram cerca de 500 mil. O tráfico de escravos, que começou em meados do século XVI e se estendeu até 1850, teria trazido ao Brasil 4 milhões de africanos. Em todo o período houve uma significativa mistura de homens europeus com mulheres índias ou negras, formando as primeiras gerações de brasileiros.

Com o fim da escravidão e a crescente necessidade de mão de obra, houve uma opção pelo trabalhador europeu, no que teria sido uma tentativa deliberada de "embranquecimento" do país.

— O processo que começou com D. Pedro II e continuou depois da Proclamação da República tinha um objetivo bastante claro — disse Pena. — Ele foi muito influenciado pelo conde Gobineau (Arthur de Gobineau, adido francês no Brasil), um dos maiores racistas do mundo e amigo pessoal de D. Pedro II. A ideia era de purificação da raça pela europeização.

O estudo comprova que o Brasil é, antes de mais nada, um país de mestiços. Quanto mais misturada for uma população, menos a ancestralidade coincide com cor da pele. Portanto, só dá pra dizer que somos todos brasileiros. ■

Arlan Rosenbloom/NYT

Novo caminho para a longevidade

Mutação que impede crescimento normal pode ser chave para viver mais

Do New York Times

Os moradores de um remoto vilarejo no Equador são muito pequenos; geralmente medem menos de 1,5m, e são portadores de síndrome ou nanismo de Laron, algo raro. Mas também apresentam uma condição fora do comum: quase nunca têm câncer e diabetes, mesmo alguns sendo obesos.

Um grupo de 99 moradores com a síndrome de Laron tem sido estudado há 24 anos por Jaime Guevara-Aguirre.

— Notei que não sofriam de câncer, comparado com seus

parentes. Mas me diziam que eles eram poucos e que eu deveria esperar dez anos. Esperei. Ninguém acreditou, até que eu fui ao Valter Longo, em 2005 — contou o médico.

Valter Longo, estudioso de envelhecimento da Universidade do Sul da Califórnia, viu nesse grupo a chance de investigar as mutações que os pesquisadores estudam em animais de laboratório e podem fazê-los viver muito mais tempo do que o habitual.

Quem sofre da síndrome de Laron tem mutação no gene que produz o receptor do hor-

mônio de crescimento (GH, na sigla em inglês) e não reage a ele. Em crianças normais, o GH faz com que as células do fígado produzam um outro hormônio, o IGF-1, estimulando o crescimento.

Segundo Longo, ter níveis muito baixos de IGF-1 é a característica essencial para que esses pacientes não tenham doenças relacionadas à idade. Em colaboração com Guevara-Aguirre, ele expôs células humanas ao crescimento em laboratório ao soro sanguíneo de portadores da síndrome. Essas células foram atacadas com um produto químico,

mas o soro protegeu as células e levou as células feridas a se autodestruírem; mecanismo usado pelo organismo para evitar o câncer. Os dois efeitos foram revertidos quando pequenas quantidades de IGF-1 foram adicionadas ao soro.

Numa experiência com camundongos, John Kopchick, da Universidade de Ohio, mostrou que um defeito no receptor de GH, fez com que eles vivessem 40% mais. O grupo com Laron provavelmente viveria muito mais, se não tivesse alta taxa de mortalidade por alcoolismo e acidentes. ■



UM PORTADOR da síndrome com seus filhos; mutação da longevidade